

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 658

Título: "AS BODAS DE LUÍS DUARTE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): ASSIS, MACHADO

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador:

Locutor:

Data de produção:

Data de Emissão: 16/3/1977

Nº. de Episódios:

ACTORES	PERSONAGENS
	MACHADO
	D. BIAATRIZ
	JOSE DE LEYOS
	BARLOTA
	D. MARGARIDA
	JUSTINIANO VILELA
	DR. VALENÇA
	TENENTE POAFÍRIO

Estado de conservação: Bom  Razoável  Mau

Tipo de Suporte:

Original  Cópia

Registo Sonoro: Sim  Não

Nº do Registo Sonoro:

1085

(V.S.F.F.)



**Notas:**

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

**Indexação:** - TEATRO RADIOFÓNICO

~~TEATRO~~ - T E A T R O

A S B O D A S D E L U Í S D U A R T E

Um conto de

MACHADO DE ASSIS

Numa adaptação de

LUÍ S P I N H A O

P e r s o n a g e n s

Machado

D. Beatriz

José Lemos

Carlota

D. Margarida

Justiniano Vilela

Dr. Valença

Tenente Porfírio

*original*

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria Machado de Assis, nascido no Rio de Janeiro em 1839 e falecido na mesma cidade, onde sempre viveu, em 1908, é geralmente considerado, pela quase totalidade dos críticos, o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Mestiço, pobre, gago, atormentado pela epilepsia, foi um tipo acabado de autodidata, vencendo pelo esforço próprio as desvantagens de uma origem humilde, até atingir a culminante posição de mestre incomparável, reconhecido pela maioria dos seus contemporâneos e plenamente confirmada pela posteridade. Poeta, cronista, crítico literário, é como "conteur" e romancista que Machado de Assis atinge os limites máximos de sua poderosa individualidade literária. Começando como autor de romances de feição romântica, foi em 1880, com a publicação das "Memórias Póstumas de Braz Cubas", que ele se revelou o exímio mestre do "humor" à maneira britânica, céptico, irónico e desencantado, que é a característica central de sua obra de maturidade. Machado de Assis era do povo. Nascido no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, onde os pais eram agregados de uma chácara, as suas origens humildes o atestam. O pai mulato, pintor de paredes. A mãe, lavadeira, logo substituída pela madrasta, que tanto influiria na vida infantil do enteado mofo. Como não tivesse filhos, mais se ligou ao menino, que a chamava de madrinha. A saúde precária, a cor parda, o físico franzino, a gagueira, a sentir desde a infância "umas coisas esquisitas", talvez prenúncio do mal terrível que tanto o atormentou na vida - a epilepsia -, nem assim, movido pela ambição de subir e galgar melhor posição na escala social, ele deixou de ser o que quis ser, homem respeitado e, sobretudo, grande escritor, um dos maiores de nossa língua, em todos os tempos. A pobreza, Machado de Assis enfrentou-a com bravura. Não teve medo nem vergonha do trabalho. Menino, foi baleiro. Na adolescência e primeira mocidade, tipógrafo, empregado de livraria, revisor de provas. Mais tarde, jornalista e funcionário público. Soube construir, assim, modesta mas sólidamente, a base material que lhe permitiu a ascensão social, de moleque sem eira nem beira do morro do Livramento a morador do aristocrático bairro de Águas Férreas, de proletário humílimo a director de repartição e presidente da Academia Brasileira de Letras. Ascensão a que não faltou a nota burguêsmente tranquila do casamento com mulher branca, bem-nascida, inteligente, culta - Carolina Xavier de Novais, irmã do poeta português, Faustino Xavier de Novais -, e que foi, durante mais de trinta anos, não apenas a companheira perfeita, como a enfermeira, a secretária. Vencedor e não vencido da vida, foi Machado de Assis. E vencedor que muito sofreu e muito lutou, sem no entanto apresentar, no fim da batalha, as cicatrizes de uma única falha de carácter, um deslize sequer de dignidade, uma escorregadela ainda que fugidia da

compostura moral que sempre manteve em toda a sua vida exemplar. Dir-se-ia que viveu em permanente procura do equilíbrio do quotidiano, do mesmo modo que na arte sempre buscou a perfeição apolínea. Soube esperar, soube acomodar-se como homem e como escritor, sem no entanto ceder um milímetro sequer no respeito para consigo mesmo. E tudo fez sem turbulência, nem espalhafatos. Apenas sendo fiel a si mesmo, sem trair a sua vocação literária, numa admirável lição de amor ao trabalho, de coerência, de perseverança, de honestidade. A doença foi o mais terrível de todos os inimigos que teve pela frente e que o perseguiu, segundo parece, desde a infância. Pois à doença também se acomodaria, disfarçando-a quanto pôde tal como acontecera em relação à cor. Aos ataques, chamava "coisas esquisitas". As feridas provocadas pelas mordeduras da língua, nas crises violentas, preferia o eufemismo de designá-las como se fossem aftas. Sentia a proximidade das crises, recebia o aviso das manifestações, de sorte que só uma vez foi surpreendido em público com um ataque de epilepsia, que uma pungente fotografia documenta no livro de Peregrino Júnior, intitulado "Doença e Constituição de Machado de Assis". Mas quem negará que foi essa tara maligna, acrescida do complexo da cor, que lhe deu força interior para levar até o fim a obra mais harmoniosamente construída de toda a literatura brasileira? Como já se disse, a sua vida foi uma lição. É uma lição para o homem do povo, para o operário, o trabalhador em geral, pois, segundo Astrogildo Pereira, ela demonstra que o pensamento, a literatura e a arte não são "dom natural", dos bem-nascidos, mas um direito de todos os homens livres, de todos aqueles que sabem que só há horizontes fechados quando se foge à luta e que a cultura terá de ser, não uma concessão às massas, mas uma conquista das massas, uma vitória dos ideais de liberdade.

(Excertos tirados de textos, de: Luís Martins, Francisco de Assis Barbosa e Temístocles Linhares)

- x Pág. 2. línea 3 - "aparatos" = "apetrechos"  
②

- xx Pág. 2. línea 14 - "masame" = "principalmente,  
sobretodo."  
②

A MÚSICA INICIAL - A MARCHA NUPCIAL, DE MENDELSSOHN - VEM A PRIMEIRO PLANO - UM TEMPO - DEPOIS DILUI-SE ATÉ DESAPARECER

MACHADO - NARRANDO

Na manhã de um sábado, 25 de Abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perús para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer... Encontrava-me, por gentil deferência para com uns primos meus, hospedado em casa do casal Lemos, durante uma curta permanência no Rio de Janeiro. Assim, e usando duma certa liberdade, ia assistindo àquele movimento desusado... D. Beatriz, com as chaves na mão, mas sem a "melenha desgrenhada" do soneto de Tolentino, andava literalmente da sala para a cozinha, dando ordens, tirando toalhas e guardanapos e mandando fazer compras, em suma, ocupada nas mil cousas que estão a cargo duma dona de casa, máxime num dia de tanta magnitude.

BEATRIZ - GRITANDO PARA SEGUNDO PLANO

Meninas, venham almoçar!... (OUTRO TOM) O sr. Machado desculpe este reboliço todo, mas num dia como este não é de admirar a pouca atenção que lhe dispensamos.

MACHADO

Por quem é, D. Beatriz! Eu não sou de cerimónias... E se o fosse, não permaneceria em vossa casa numa altura como esta.

BEATRIZ

Eu sei, sr. Machado, eu sei! Mas como pode trabalhar com esta barafunda?

MACHADO

Fechado no meu quarto, não dou por nada.

BEATRIZ

E aquelas marotas que não descem. Estão há espera que eu vá lá acima, mas confesso que não estou muito disposta a fazê-lo. Aquelas escadas metem-me medo. O sr. Machado compreende o sacrifício que faço sempre que tenho de subir...

MACHADO

Compreendo perfeitamente, D. Beatriz... Tanto mais, tratando-se duma senhora...

x Pág. 3 - linha 4 - mingau = papas de flor de mandora  
ou de farinha de trigo.

x x Pág. 3 - linha 5 - mucama ou macuma = criada ou  
escrava.

BEATRIZ

Tão gorda, diga sempre... E aquelas marotas que não descem... O melhor será o sr. Machado ir almoçando... Vá, vá, sr. Machado! O Rodrigo far-lhe-á companhia.

X Quanto ao Antonico, comeu às seis horas um bom prato de mingau, na forma do cos-  
X X tume, e só se ocupa em dormir tranquilamente até que a mucama o vá chamar.

MACHADO

Aceito, D. Beatriz, pois tenho muito que fazer.

BEATRIZ - SEMPRE EM MOVIMENTO

E não se esqueça de vir cedo! Não o dispensamos!... (PARA 2.º PLANO) José!...  
O José!... José!... Ainda aqui metido?... Que estás tu a fazer, José?

OSÉ

Não vês?... Estou a trabalhar.

BEATRIZ

Há mais de uma hora que te vejo em cima desse banco.

OSÉ

O arranjo da sala ficou a meu cargo, não ficou? Portanto, estou a embelezá-la.

BEATRIZ

Colocando na parede essas gravuras horrorosas...

OSÉ

Não digas isso, mulher! São duas gravuras admiráveis que comprei ao Bernasconi.

BEATRIZ

Não é por isso que deixam de ser horríveis!

OSÉ

Horríveis?!... Repara bem, Beatriz: uma representa "A Morte de Sardanapalo";  
outra "A Execução de Maria Stuart".

BEATRIZ

A execução da Maria, ainda vá... Agora a morte do... do...

x Pág. 41 - linha 24 - refertas. = forte, robustas; gordas. 

JOSE

Sardanapalo, Beatriz, Sardanapalo!

BEATRIZ

Essa acho que é indecente!

JOSE

Porquê?

BEATRIZ

Porquê?!... Um grupo de homens abraçado com tantas mulheres...

JOSE

Não te esqueças, Beatriz, que fui membro de uma sociedade literária, quando era rapaz, portanto, posso-te dizer, com inteiro conhecimento de causa, que estes dois quadros são históricos, e que a história está bem em todas as famílias. Podia acrescentar, é certo, que nem todas as famílias estão bem na história, mas isso é outra conversa.

BEATRIZ

Seja como for, não me parecem próprios dois quadros fúnebres em dia de festa. Sim, porque hoje, José, é dia de festa cá em casa. (NUMA LÁGRIMA) A nossa Carlota, a nossa querida filha... (TRANSIÇÃO) E aquelas meninas que não descem!... Vê se te despachas, José!... Deixa os quadros e vem almoçar!...

S E P A R A D O R

MACHADO - NARRANDO

Ainda me encontrava à mesa, quando se reuniu a família toda... Eram duas moreninhas de truz as filhas do casal Lemos. Uma representava ter vinte anos, outra dezassete; ambas eram altas e um tanto refeitas. A mais velha estava um pouco pálida; a outra coradinha e alegre, desceu cantando. Parecia que das duas a mais feliz seria a que cantava; não era; a mais feliz era a outra que nesse dia devia ligar-se pelos laços matrimoniais ao jovem Luís Duarte. Estava pálida por ter tido uma insónia terrível, doença de que até então não padecera nunca. Há doenças assim. Além de José Lemos, sua mulher D. Beatriz, Carlota (a noiva) e Luísa, vieram para a mesa Rodrigo Lemos e o menino Antonico, filhos também do casal Lemos. Rodrigo tinha dezoito anos e Antonico seis; o Antonico era a minia

tura do Rodrigo; distinguam-se ambos por uma notável preguiça, e nisso eram perfeitamente irmãos.

BEATRIZ

Vá, sr. Machado, vá!... Não faça cerimónia!... Vá à sua vida!... (TRANSIÇÃO)  
Vê se te despachas, José! Tens muitas voltas a dar... É preciso recomendar ao cabeleireiro que venha cedo, avisar de novo os carros, encomendar os sorvetes e os vinhos, e outras coisas mais... (OUTRO TOM) Olha lá, Antonico, não faças logo ao jantar o que fazes sempre que há gente de fora.

OSÉ

O que é que ele faz?

BEATRIZ

Fica envergonhado e mete o dedo no nariz. Só os meninos tolos é que fazem isso; eu não quero semelhante coisa. (CHORO DE CRIANÇA) Carlota, minha filha, vem cá!

CARLOTA

O que é, mamã?

BEATRIZ

Acompanha-me à sala.

CARLOTA

Sim, mamã!

BEATRIZ

Fecha essa porta e vem sentar-te aqui, ao pé de mim.

CARLOTA

Sim, mamã! (FECHAR DE PORTA) Pronto, mamã!

BEATRIZ

Minha filha, hoje termina a tua vida de solteira, e amanhã começa a tua vida de casada. Eu, que já passei pela mesma transformação, sei praticamente que o carácter de uma senhora casada traz consigo responsabilidades gravíssimas. Bom é que cada qual aprenda à sua custa; mas eu sigo nisto o exemplo de tua avó que, na véspera da minha união com teu pai, expôs em linguagem clara e simples a si-

X pag 6. - lühka 8 - seeria = värs.

gnificação do casamento e a alta responsabilidade dessa nova posição... (PAUSA)

CARLOTA

Então, mamã?

BEATRIZ

Varreu-se-me a memória... Desculpa, minha filha! Tenho estado a recitar um discurso composto por teu pai. Melhor fora que eu, como as outras mães, tirasse alguns conselhos do meu coração e da minha experiência. O amor materno é a melhor  
× retórica deste mundo. Mas teu pai, que conserva desde a juventude um sestro literário, achou que fazia mal expor-me a alguns erros gramaticais numa ocasião tão solene...

CARLOTA

Oh, mamã!... (BEIJOS)

BEATRIZ

Pois, minha filha, é preciso que saibas...

S E P A R A D O R

MACHADO - NARRANDO

Pelas quatro horas começaram a chegar convidados. Poucos, porque à cerimónia e ao jantar só devia assistir um pequeno número de pessoas íntimas. Para o baile é que iria mais gente. Os primeiros foram os Vilela, família composta por Justiano Vilela, chefe de secção aposentado, D. Margarida, sua esposa, e D. Augusta, sobrinha de ambos.

MARGARIDA

Não chegamos atrasados, pois não, D. Beatriz?

BEATRIZ

Que ideia, D. Margarida! São os primeiros... De resto, são apenas quatro horas.

MARGARIDA

Só?!... Pensava que fosse mais tarde.

VILELA

E onde está a encantadora filha de V. Ex.<sup>o</sup>, Sr.<sup>o</sup> D. Beatriz?

BEATRIZ

A minha Carlota está a preparar-se para a cerimónia, sr. Justiniano Vilela.

VILELA

Já?!... Nesse caso o programa da festa é...

JOSE

Primeiro a cerimónia e depois o jantar, ao qual se seguirá o baile e a ceia.

VILELA

Ah!... Primeiro a cerimónia...

BEATRIZ

Exactamente, sr. Vilela. Foi grande assunto de debate nos últimos três dias, se o jantar devia preceder a cerimónia ou vice-versa.

JOSE

É verdade, meu caro Vilela! Eu inclinava-me a que o casamento fosse celebrado depois do jantar, e nisto fui apoiado pelo meu filho Rodrigo, que, com uma sagacidade digna de estadista, percebeu que, no caso contrário, o jantar seria muito tarde.

BEATRIZ

Prevaleceu, entretanto, a minha opinião.

VILELA

Mas... porquê, D. Beatriz?

BEATRIZ

Ora, porque acho esquisito ir para a igreja com a barriga cheia.

JOSE

Nenhuma razão teológica ou disciplinar se opõe a isso, não é verdade, Vilela?

x pág. 8 - linha 18 - jaca = grandes frutos comestíveis,  
de uma árvore tropical; a jaqueira -  
também conhecida por árvore-do-pão.  
J.

BEATRIZ

Eu sei, José, eu sei! Mas basta que eu tenha opinião especial em assuntos de igreja.

JOSE

E, como vê, meu caro Vilela, venceu a opinião dela.

VILELA - BAIKO

Já estou arrependido de não ter comido qualquer coisa.

MARGARIDA - BAIKO

Porquê?

VILELA - BAIKO

Já são quatro e meia e o jantar nunca será antes das sete.

MARGARIDA - BAIKO

Só pensas em comer.

JOSE

Então, sr. Machado?... Divertido?

MACHADO

x Tenho estado a admirar o seu amigo Justiniano Vilela... A cabeça dele, se se pode chamar cabeça a uma jaca metida numa gravata de cinco voltas, é um exemplo da prodigalidade da natureza quando quer fazer cabeças grandes.

JOSE

Afirmam, porém, algumas pessoas que o talento não corresponde ao tamanho, posto que tivesse corrido algum tempo o boato contrário.

MACHADO

Não sei de que talento falariam essas pessoas; e a palavra pode ter várias aplicações.

JOSE

O certo é que um talento teve Justiniano Vilela: foi a escolha da mulher, senho

ra que, apesar dos seus quarenta e seis anos bem puxados, ainda merece, no meu entender, dez minutos de atenção... Mas aí vêm os padrinhos: o Dr. Valença e a sua irmã viúva, D. Virginia... Dá-me licença, sr. Machado?... Sejam bem-vindos nesta casa, meus queridos amigos... Dr. Valença, permita-me que o abrace...

VALENÇA

Perdão, meu querido amigo, mas neste dia toda a gravidade é pouca.

MARGARIDA

Tem muita classe este Dr. Valença!

JOSE

O que mais admiro em si, meu caro Dr., é a sua gravidade.

VALENÇA

É a minha grande arma!... Compreendi, meu caro Lemos, logo que saí da Academia, que a primeira condição para merecer a consideração dos outros era ser grave; e indagando o que era gravidade, pareceu-me que não era nem o peso da reflexão, nem a seriedade do espírito, mas unicamente certo "mistério do corpo", como lhe chama La-Rouchefoucault; o qual mistério é como a bandeira nos neutros, em tempo de guerra: salva do exame a carga que cobre.

JOSE

Dá gosto ouvi-lo, meu querido amigo!

VALENÇA

Insisto neste ponto porque o considero uma prova de inteligência... Apesar dos meus cinquenta anos, como pode verificar, não sou gordo nem magro, mas dotado de um largo peito e um largo abdómen que me dão maior gravidade ao rosto e às maneiras. O abdómen é a expressão mais positiva da gravidade humana; um homem magro tem necessariamente os movimentos rápidos; ao passo que para ser completamente grave precisa ter os movimentos tardos e medidos.

MACHADO

Efectivamente, Sr. Dr., um homem verdadeiramente grave não pode gastar menos de dois minutos em tirar o lenço e assoar-se.

VALENÇA

Pois eu, meu caro senhor, gasto três minutos quando estou com defluxo e quatro em estado normal.

MACHADO

Nesse caso, Sr. Dr., o senhor é o que se chama um homem gravíssimo.

VALENÇA

Muito obrigado, cavalheiro! Este seu amigo, meu caro Lemos, é muito simpático. Mas onde está a minha irmã? Sabe, D. Margarida?

MARGARIDA

Está com a D. Carlota... A D. Virgínia apenas entrou manifestou logo o desejo de ir ver a noiva, e a D. Beatriz fez-lhe a vontade.

JOSÉ

E onde estará o noivo? São já cinco horas...

VILELA

Os noivos de hoje não se apressam. Quando eu me casei fui a primeira pessoa que apareceu em casa da noiva.

VALENÇA

Pois eu compreendo a demora e a comoção de aparecer diante da noiva, meu caro.

VILELA

Desculpe, Dr. Valença, eu insistir no meu ponto de vista: o noivo devia ser o primeiro a chegar. Mesmo, porque assim atraza tudo; a cerimónia, o jantar... Sim, porque o jantar não poderá ser servido antes das sete...

VALENÇA

E que tem isso, meu caro Vilela?

VILELA

Que tem isso?!... Nada!... Não tem nada!... Apenas pretendo fazer-lhe ver as vantagens do tempo antigo sobre o tempo actual.

MARGARIDA

Ah!... Aí vem a noiva!... Como vem deslumbrante com o seu vestido branco, e a sua grinalda de flores de laranjeira, e o seu finíssimo veu...

VALENÇA

Sem outra jóia mais que os seus olhos negros, verdadeiros diamantes da melhor água.

CARLOTA

Oh, padrinho!

JOSE

Escutem!... Oíço passos!... Finalmente... Mas não! São os irmãos Valadares. Entrem, entrem! Creio que já se conhecem todos. E esta, hem?... Já são cinco e meia, e nem o noivo nem o tenente Porfírio dão sinais de si.

VILELA

Que esteja preocupado com a ausência do noivo, vá... O noivo é o essencial para o casamento. Agora o tenente Porfírio, não compreendo...

JOSE

Se o noivo é o essencial para o casamento, o tenente Porfírio é o essencial para o jantar.

VILELA

Porquê? Sim, porquê?

VALENÇA

O nosso amigo Lemos tem razão. O tenente Porfírio é o tipo do orador de sobre-mesa; possui o entono, a facilidade, a graça, enfim, todas as condições necessárias a este mister. A posse de tão belos talentos proporciona-lhe alguns lucros de valor; raro domingo ou dia de festa janta em casa.

JOSE

Sim, meu caro Vilela, convida-se o tenente Porfírio com a condição tácita de fazer um discurso, como se convida um músico para tocar alguma coisa. Em suma, o tenente Porfírio está entre o creme e o café; e não cuide que é acepipe gratuito; o nosso homem, se bem fala, melhor come. De maneira que, bem pesadas as coi-

sas, o discurso vale o jantar.

BEATRIZ

Pertence o tenente a essa classe feliz de homens que não têm idade...

JOSÉ

Sim, uns lhe dão 30 anos, outros 35 e outros 40; alguns chegam até aos 45, e tanto esses como os outros podem ter igualmente razão. A todas as hipóteses se prestam a cara e as suíças castanhas do tenente.

MARGARIDA

Ele é mesmo tenente?

JOSÉ

Porfírio foi tenente do exército, e deu baixa, com o que andou perfeitamente, porque entrou no comércio de trastes e já possui algum pecúlio.

BEATRIZ

Não é <sup>nada</sup> bonito...

JOSÉ

Mas algumas senhoras afirmam que apesar disso é mais perigoso que uma lata de nitroglicerina.

VALENÇA

Naturalmente não deve essa qualidade à graça da linguagem, pois fala sibilando muito a letra s; diz sempre: Asss minhásss botasss...

S E P A R A D O R

MACHADO - NARRANDO

Eram cinco e meia quando apareceu finalmente Luís Duarte. Houve um "Glória in excelsis Deo" no interior de todos os convidados. Luís Duarte apareceu à porta da sala, e daí mesmo fez uma cortesia geral, cheia de graça e tão cerimoniosa que o próprio padrinho lhe invejou. Era um rapaz de vinte e cinco anos, tez muito alva, bigode louro e sem barba nenhuma. Em suma, Luís Duarte era uma figura capaz de agradar a uma moça de vinte anos, e eu não teria grande repugnância em chamar-lhe um Adónis, se ele realmente o fosse. Mas não era.

JOSE

E agora, meus amigos, a caminho da Igreja, pois já não é nada cedo. Como á Igreja só irão os noivos, os pais e os padrinhos, espero que todos se divirtam durante a nossa ausência que será breve. A Luísa e o Rodrigo farão as honras da casa. Vamos, meus filhos!... (ROMPE A MARCHA NUPCIAL)

MARGARIDA

Se a noiva é bonita, o noivo não lhe fica atrás. Que par encantador... (A MARCHA NUPCIAL FUNDE-SE COM O

S E P A R A D O R

MARGARIDA

Onde estiveste metido?

VILELA

Aproveitando a intimidade que tenho na casa, fui ao interior sob o pretexto de dar exercício às pernas. Foi uma felicidade! A mesa, que já tinha em cima alguns acepipes convidativos, apareceu-me, como uma verdadeira fonte de Moisés...

MARGARIDA

Não me digas que comeste alguma coisa?

VILELA

Dois pastelinhos e um "croquette" foram os parlamentares que mandei ao estômago rebelado, e com os quais esta víscera se conformou.

MARGARIDA

Parece impossível! Podia alguém ver...

VILELA - BAIXO

Atenção! Vem aí o sr. Machado... (ALTO) Que teria acontecido ao sr. Calisto Valadares? Passou por mim a correr...

MARGARIDA

Não sei!... Quando a Mariquinhas, a pedido da Luísa, começou a tocar a Sonâmbula, fez-se muito pálido e desatou a correr.

x pag 14. Cuiha iiltusa tilburi = espèce de cabriolet  
de dois assentos.  
A.

MACHADO

O sr. Calisto Valadares suspeita que tenha havido uma grave omissão nas Escrituras, e vem a ser que, entre as pragas do Egipto devia ter figurado o piano. Imagine, D. Margarida, com que cara viu ele a D. Mariquinhas dirigir-se ao fatal instrumento. Soltou um longo suspiro e saiu a correr.

MARGARIDA

Há que matar o tempo, enquanto dura a cerimónia...

MACHADO

*D. Margarida,*  
Mas, porque deixaram a sala?

MARGARIDA

*Da* a juventude diverte-se... Aqui há mais sossego.

MACHADO

Sem dúvida!... Que horas tem, sr. Vilela?

VILELA

É já tarde! Olhe, seis horas.

MARGARIDA

Não podem tardar muito.

VILELA

Eu sei! A cerimónia é longa, e talvez não achem o padre... Os casamentos deviam fazer-se em casa e de noite... É a minha opinião.

MARGARIDA

Já começo a estar impaciente.

VILELA

Já tardam! Seis horas e um quarto e nada de carros...

MACHADO - NARRANDO

Às seis e vinte minutos ouviu-se um rumor de rodas; Rodrigo correu à janela:  
X era um tálburi. Às seis e vinte e cinco minutos todos supuseram ouvir o rumor

dos carros. Não era nada. Pareceu-nos ouvir, por um efeito. (desculpem a audácia com que eu caso este substantivo a este adjectivo) por um efeito de "miragem auricular". Às seis horas e trinta e oito minutos apareceram finalmente os carros. Toda a comitiva entrou. Cumprimentos e beijos, houve tudo quanto se faz em tais ocasiões. (PAUSA - OUTRO TOM) O que é que o preocupa, Sr. Lemos? Estava tão contente...

JOSE

Sim, estava contentíssimo, mas caiu-me àgua na fervura quando soube que o tenente Porfírio ainda não tinha chegado. É preciso mandá-lo chamar.

BEATRIZ

A esta hora?

JOSE

Sem o Porfírio não há festa completa.

BEATRIZ

Eu creio que ele já não vem.

JOSE

Impossível!

VILELA

Já são quase sete horas.

BEATRIZ

E o jantar ~~nos~~ espera. - (nos).

JOSE

Bom!... Não há remédio senão sacrificar o tenente. Vamos para a mesa.

MACHADO - NARRANDO

Mas o tenente era o homem das situações difíceis, o salvador das lances arriscados. Mal acabava José Lemos de <sup>se</sup> assentar, ouviu-se na escada a voz do tenente Porfírio. O dono da casa soltou um suspiro de alívio e satisfação. Entrou na sala o longamente esperado conviva. Entrou com a graça que lhe era peculiar. Para cumprimentar os noivos arredondou o braço direito, pôs a mão atrás das cos-

x Pág. 16 - linha 6 - ilustração = erudito, enobrecido,  
que tem ilustração.  
of.

tas segurando o chapéu, e curvou profundamente o busto, ficando em posição que fazia lembrar (de longe!) os antigos lampeões das nossas ruas.

JOSE

Já sei que hoje temos coisa boa!

PORFÍRIO - FALSA MODÊSTIA

X Qual! Quem ousará levantar a voz diante de "ilustrações?"

BEATRIZ

Mas porque veio tarde?

PORFÍRIO

Condene-me, minha senhora, mas poupe-me a vergonha de explicar uma demora que não tem atenuante no código da amizade e da polidez.

VILELA - VELHACAMENTE

Felizmente chegou à hora do jantar!

JOSE

É verdade; vamos para a mesa.

MACHADO - NARRANDO

Não há mais júbilo nos peregrinos de Meca do que houve nos convivas ao avistarem uma longa mesa profusamente servida. Sentaram-se em boa ordem. Durante alguns minutos houve aquele silêncio que precede a batalha, e só no fim delê começou a geral conversação.

VALENÇA

Quem diria há um ano, quando eu aqui apresentei o nosso Duarte, que ele seria hoje noivo desta interessante D. Carlota?

BEATRIZ

É verdade!

MARGARIDA

Parece dedo da Providência.

BEATRIZ

Parece, e é.

VALENÇA

Se é dedo da Providência, agradeço aos céus o ter servido de intermediário.

PORFÍRIO

Providência ou acaso? Eu sou mais pelo acaso.

VILELA

Vai mal; isso que o senhor chama acaso não é senão a Providência. O casamento e a mortalha no céu se talha.

PORFÍRIO

Ah! o senhor acredita nos provérbios?

JOSE

É a sabedoria das nações.

PORFÍRIO

Não, repare que, por cada provérbio afirmando uma coisa, há outro provérbio afirmando a coisa contrária. Os provérbios mentem. Eu creio que foi simplesmente um felicíssimo acaso, ou antes uma lei de atracção das almas, que fez com que o Sr. Luís Duarte se aproximasse da interessante filha do nosso anfitrião.

BEATRIZ - BAIXO

Anfitrião?!...

JOSE - BAIXO

Confesso que ignorava ser anfitrião; mas considero que da parte do Porfírio não pode vir coisa má.

VALENÇA

Meus senhores, eu bebo aos noivos.

VILELA

Só isso? Deseja-se uma saúde historiada.

VALENÇA

Eu não sei fazer discursos; bebo simplesmente à saúde dos noivos.

BEATRIZ

Muito bem!

MARGARIDA

Apoiado!

VILELA

Aos noivos!

JOSE

Meus senhores...

VILELA

Sio! sio! sio! O amigo José Lemos vai falar.

JOSE - DEPOIS DE TOSSIR

Não é, meus senhores, a vaidade de ser ouvido por tão notável assembleia que me obriga a falar. É um alto dever de cortesia, de amizade, de gratidão; um desses deveres que podem mais que todos os outros, dever santo, dever imortal. (PALMAS) Sim, senhores. Curvo-me a esse dever, que é para mim a lei mais santa e imperiosa. Eu bebo aos meus amigos, a estes sectários do coração, a estas vestais, tanto masculinas como femininas, do puro fogo da amizade! Aos meus amigos! À amizade! (ROMPEM BRAVOS, PALMAS E GARGALHADAS - UM TEMPO)

MACHADO - NARRANDO

A falar verdade, o único homem que percebeu a nulidade do discurso de José Lemos foi o Dr. Valença, que aliás não era água. Por isso mesmo levantou-se e fez um brinde aos talentos oratórios do anfitrião. Seguiu-se a estes dois brindes o silêncio de uso. As moças conversavam baixinho e sorrindo; os noivos estavam embebidos com a troca de palavras amorosas, ao passo que Rodrigo palitava os dentes com tal ruído, que a mãe não pôde deixar de lhe lançar um desses olhares fulminantes que eram as suas melhores armas.

JOSE

Então, tenente Porfírio, deixou a musa em casa?

x Pág. 19 - linha 9 - priscos = antigos (poetas) ..  
ff.

x x " " " 12 - hūmenes = casamento - bodas:  
ff.

MARGARIDA

É verdade! Queremos ouvi-lo; dizem que fala tão bem!

PORFÍRIO

Eu, minha senhora?

JOSÉ

Então, não se faça rogado!

PORFÍRIO

Nesse caso, seja! (PIGARREIA) Minhas senhoras! Meus senhores! Não irei esqua-  
X drinhar no âmago da história, essa mestra da vida, o que era o himeneu nas pris-  
x cas eras da humanidade. Seria lançar a luva do escárneo às faces imaculadas des-  
ta brilhante reunião. Todos nós sabemos, senhoras e senhores, o que é o himeneu.  
O himeneu é rosa, rainha dos vergéis, abrindo as pétalas rubras, para amenizar  
os cardos, os abrolhos, os espinhos da vida...

JOSÉ

Bravo!

VALENÇA

Bonito!

PORFÍRIO

Se o himeneu é isto que eu acabo de expor aos vossos sentidos auriculares, não  
é mister explicar o gáudio, o fervor, os ímpetos de amor, as explosões de senti-  
mento, com que todos nós estamos à roda deste altar, celebrando a festa do nosso  
caro e prezadíssimo amigo.

BEATRIZ

Fala muito bem! Parece um dicionário!

PORFÍRIO

Sinto, senhores, não ter um talento digno do assunto...

VILELA

Não apoiado!

x pag. 20 - linha 12 - pulcras = belo; formoso; perfeito. (poético)

MARGARIDA

Está falando muito bem!

PORFÍRIO

Agradeço a bondade de V. Ex<sup>as</sup>.; mas eu persisto na crença de que não tenho o talento capaz de arcar com um objecto de tanta magnitude.

VALENÇA

Não apoiado!

PORFÍRIO

V. Ex.<sup>as</sup> confundem-me. Não tenho esse talento; mas sobra-me boa vontade, aquela boa vontade com que os apóstolos plantaram no mundo a religião do Calvário, e graças a este sentimento poderei resumir em duas palavras o brinde aos noivos.

x Senhores, duas flores nasceram em diverso canteiro, ambas pulcras, ambas rescentes, ambas cheias de vitalidade divina. Nasceram uma para a outra; era o cravo e a rosa; a rosa vivia para o cravo, o cravo vivia para a rosa; veio uma brisa e comunicou os perfumes das duas flores, e as flores, conhecendo que se amavam, correram uma para a outra. A brisa apadrinhou essa união. A rosa e o cravo estão consorciados no amplexo da simpatia: a brisa ali está honrando a nossa reunião.

MACHADO - NARRANDO

Ninguém esperava pela brisa; a brisa era o Dr. Valença. Estrepitosos aplausos celebraram este discurso em que o Calvário andou unido ao cravo e à rosa. Porfírio sentou-se com a satisfação íntima de ter cumprido o seu dever. O jantar chegava ao fim; eram oito horas e meia; vinham chegando alguns músicos para o baile, o qual foi animadíssimo e durou até às três horas da manhã.

JOSE

D. Margarida, concede-me esta valsa?

MARGARIDA

Com todo o gosto, sr. Lemos. (PAUSA) Onde estará o meu marido?

JOSE

Junto do tenente Porfírio, D. Margarida.

MARGARIDA

Ainda?

JOSE

Quando todos se levantaram da mesa, lá ficaram os dois brindando calorosamente a todas as ideias práticas e úteis deste mundo e do outro.

MARGARIDA

Deveras, sr. Lemos?

JOSE

Permita-me que a lamente, D. Margarida.

MARGARIDA

Porquê?

JOSE

Sim, ousou lamentar a sorte duma pobre senhora cujo marido se entretém a fazer saúdes em vez de ter a inapreciável ventura de estar a seu lado.

MARGARIDA - SORRIDENTE

Oh, sr. Lemos!... (PAUSA) Paremos um pouco... A valsa já me cansa... Vamos ver meu marido...

JOSE

Pois não, D. Margarida... (O AMBIENTE DO BAILE PASSA A UM PLANO AFASTADO)

MARGARIDA

Então, Justiniano, ainda não acabaram os brindes? Já são horas...

VILELA - BÊBADO

Vou fazer o meu último brinde: brindo ao progresso do mundo por meio do café e do algodão...

PORFÍRIO - BÊBADO

Pois eu brindo ao estabelecimento da paz universal...

TODOS - Viva a paz. Hurra! Viva a paz universal ...

MACHADO - NARRANDO

Mas o verdadeiro brinde dessa festa memorável foi um pequerrucho que viu a luz em Janeiro do ano seguinte, o qual perpetuará a dinastia dos Lemos, se não morrer na crise da dentição...

----- F I M -----

Lx. 16/3/977